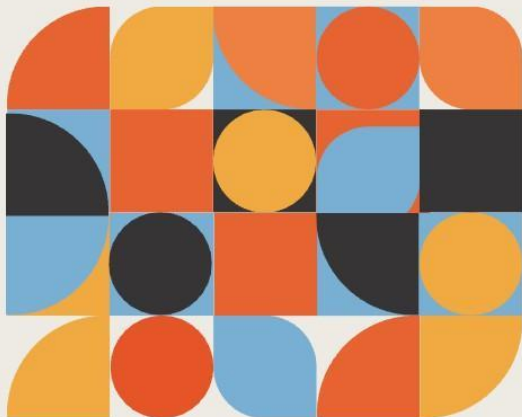




AS MULHERES DO AGRESTE PERNAMBUCANO: UMA DISCUSSÃO SOBRE TRABALHO, GÊNERO, EMANCIPAÇÃO E MODA.

*WOMEN OF PERNAMBUCO'S AGRESTE:
A DISCUSSION ON WORK, GENDER, EMANCIPATION, AND FASHION.*

Silva, João Pedro Ferreira da; Bacharelado; Universidade Federal de Pernambuco; joao.pedros@ufpe.br¹
Silva, Railane Barreto; Bacharelado; Universidade Federal de Pernambuco; railane.barreto@ufpe.br²
Lopes, Maria Teresa; Doutora; Universidade Federal de Pernambuco; teresa.lopes@ufpe.br³

GEFOL - Grupo de Estudos Formação do Olhar

Resumo: Este artigo investiga como mulheres atuantes na cadeia produtiva da moda no Agreste Pernambucano — especialmente em Caruaru, Toritama e Santa Cruz do Capibaribe — constroem trajetórias marcadas por criatividade, liderança e resistência. A partir de uma abordagem etnográfica, o estudo analisa experiências de trabalho, estratégias de autonomia e práticas de cuidado e gestão coletiva, revelando como o fazer moda na região funciona como ferramenta de expressão, identidade e emancipação feminina.

Palavras chave: Moda, Gênero, Trabalho Feminino, Emancipação.

Abstract: This article investigates how women working in the fashion production chain of Pernambuco's Agreste region — especially in Caruaru, Toritama, and Santa Cruz do Capibaribe — build trajectories marked by creativity, leadership, and resistance. Using an ethnographic approach, the study analyzes work experiences, strategies of autonomy, and practices of care and collective management, revealing how fashion-making in the region serves as a tool for female expression, identity, and emancipation.

Keywords: Fashion, Gender, Women's Work, Emancipation.

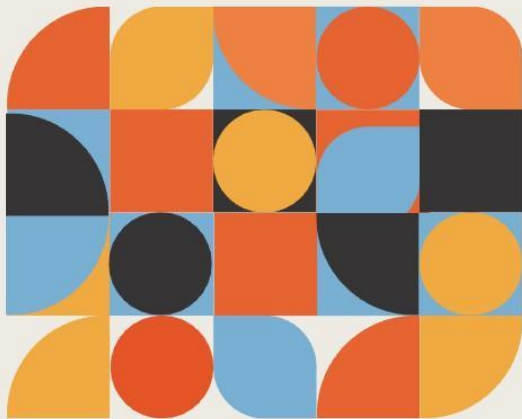
¹ Graduando em Design - Universidade Federal de Pernambuco -(CAA-UFPE). Monitor das disciplinas de Design, sociedade e cultura (três períodos) e História e estética dos estilistas (um período). Integrante do Grupo de Estudos em Formação do olhar (GEFOL) Integrante do grupo de pesquisa Interfaces - design, arte, moda e hedonismo. Integrante do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC). Possui interesse em pesquisas sobre: Design de moda e design de produto.

² Graduanda em Design pelo Centro Acadêmico do Agreste da Universidade Federal de Pernambuco (CAA-UFPE). Atua como monitora da disciplina "Design, Sociedade e Cultura" e integra o Grupo de Estudos em Formação do Olhar (GEFOL). Possui interesse nas áreas de design de moda, design de produto e design gráfico.

³ Pós-doutorado em Design Educação - PUC - Rio de Janeiro (em andamento); Pós-doutorado em semiótica pela Université Sorbonne, Paris 1. Doutora pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), com Sanduiche na Université Sorbonne, Paris 1. Pesquisadora nas áreas de Formação do Olhar, Semiótica, Sociologia e Política aplicadas às discussões sobre emancipação feminina, a moda e o design.

⁴ Grupo de Estudos em formação do Olhar – GEFOL





20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

INTRODUÇÃO

Este artigo é parte do projeto de pesquisa intitulado **As performances de gênero femininas no campo da moda no Agreste pernambucano e seus argumentos emancipatórios no mundo do trabalho: uma compreensão discursiva**, desenvolvido no âmbito da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Campus Acadêmico do Agreste, em Caruaru, sob coordenação da professora Teresa Lopes, pelo Grupo de Estudos em formação do Olhar, na modalidade de iniciação científica.

Partimos da proposta central do nosso projeto (objetivo geral): **entender se a moda e o design de moda podem ser caminhos de emancipação para as performances de gênero femininas no Agreste pernambucano**. Mas, neste recorte específico, o foco é outro: **queremos saber como as mulheres da região atuam, criam e lideram dentro da cadeia produtiva da moda**. Para isso, traçamos os objetivos específicos: (a) Mapear como se dá a produção e comercialização local das peças; (b) Investigar o papel dessas mulheres nas etapas do processo — do corte à venda — e (c) Compreender as estratégias de resistência e autonomia que elas constroem no dia a dia.

Essa pesquisa ganha importância quando olhamos para o dia a dia do Polo de Confeções do Agreste Pernambucano, a emergência desse polo está ligada a processos de reestruturação econômica iniciados na década de 1950, quando, diante da crise da agricultura, a população local passou a investir na produção de vestuário como alternativa de renda. Inicialmente artesanal, a atividade foi se industrializando progressivamente, criando um ecossistema produtivo descentralizado e altamente adaptável (RANGEL; CORTELETTI, 2022).

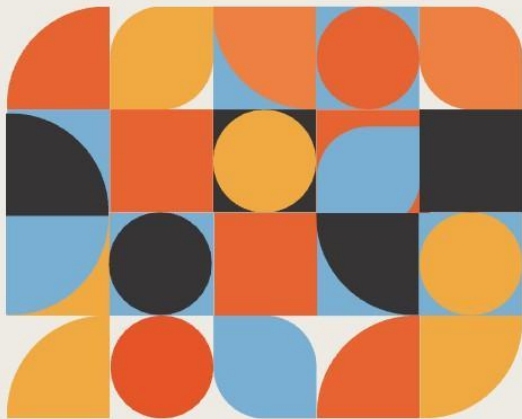
Neste contexto, esse trabalho versa sobre a centralidade das mulheres da região Agreste, frequentemente invisibilizadas. Nessas cidades elas ocupam funções técnicas e criativas em ateliês, fábricas, facções caseiras e feiras, sendo responsáveis tanto pela produção quanto pela gestão e comercialização das peças.

CORPO TEÓRICO

Moda, gênero e as mulheres do Agreste pernambucano

A moda, enquanto sistema simbólico e material, está intimamente ligada à construção social dos gêneros e à performatividade das identidades. Longe de ser apenas um campo estético ou comercial, ela opera como





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

ferramenta de comunicação, distinção e regulação social. Segundo Butler (2019), o gênero não é algo natural ou fixo, mas sim construído por meio da repetição de comportamentos e normas sociais. Dentro dessa lógica, a roupa se torna uma das formas mais visíveis de expressar essas performances. A moda, portanto, atua como um dos principais meios pelos quais o gênero é representado.

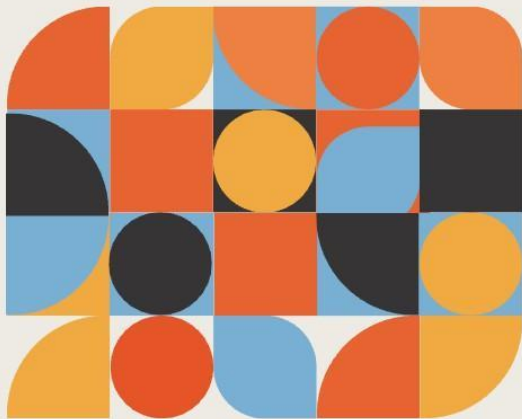
Historicamente, as práticas do vestir foram utilizadas para normatizar comportamentos e reforçar papéis sociais atribuídos a homens e mulheres. No entanto, também podem ser apropriadas como forma de resistência e subversão. No contexto do Agreste Pernambucano, observa-se que, embora a moda esteja profundamente associada a um imaginário feminino, as mulheres que atuam na cadeia produtiva de confecções não apenas consomem ou representam moda: elas a produzem, modelam, criam e comercializam. Essas ações evidenciam uma quebra do papel tradicionalmente passivo atribuído às mulheres na moda, reafirmando sua potência criadora e gestora dentro de um sistema historicamente masculino no topo hierárquico (FLETCHER, 2014).

Fazer moda, para muitas mulheres do Agreste, vai muito além da estética — é também uma forma de resistência. Inseridas em contextos marcados por desigualdades de gênero e sociais, elas transformam a criação de roupas em um ato político, como aponta Patten (2015). No dia a dia dos ateliês e facções, enfrentam desafios com criatividade e liderança, mesmo com poucos recursos. E tudo isso enquanto conciliam trabalho e cuidados com a casa e a família — uma dimensão invisibilizada, mas essencial para entender a força e a complexidade dessas trajetórias na região.

Compreender moda e gênero a partir das histórias e vivências dessas **Mulheres Agrestinas** ajuda a ampliar nosso olhar sobre a moda brasileira, mostrando que ela é muito mais do que só o que acontece no eixo Rio-São Paulo. A moda ganha força e sentido nas práticas locais, carregadas de saberes populares, de uma forte conexão comunitária e, principalmente, da agência dessas mulheres. Quando a gente acompanha as trajetórias delas, fica claro que fazer moda no Agreste é também um ato político — uma forma de construir emancipação, fortalecer identidade e buscar reconhecimento, mesmo estando fora do centro tradicional da moda no Brasil. É nessa resistência cotidiana que a moda se torna um espaço de transformação social e é o que destacamos aqui.

Moda, mulher e trabalho





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

Desde o início, o trabalho das mulheres tem sustentado sociedades de maneira silenciosa, mas fundamental. Ele é um dos componentes primários para a sua emancipação. Seja no lar, na roça ou em diferentes profissões, sua contribuição tem sido constante, embora historicamente invisibilizada e desvalorizada (HIRATA; KERGOAT, 2002). A busca feminina por reconhecimento, dignidade e autonomia atravessa séculos e se manifesta em todos os setores — e aqui destacamos o campo da moda.

A moda, muito além de tendências e vitrines, é um reflexo da sociedade. E, em sua base, estão milhares de mulheres: costureiras, bordadeiras, artesãs, designers e gestoras, que com competência e dedicação tornam possível a existência do campo. Apesar de seu protagonismo, muitas dessas profissionais seguem atuando em condições precárias, enfrentando jornadas exaustivas e recebendo salários que não refletem o valor do seu trabalho, é justamente o caso das que trabalham no Agreste pernambucano. Como aponta Marques Casara (2021), trata-se de uma das cadeias produtivas mais opressivas para as mulheres, sobretudo em países onde os direitos trabalhistas são frágeis.

Esse contraste é evidente: de um lado o apelo do consumo; do outro, a realidade dura de quem produz. Segundo a ONU Mulheres, 87% dos 1,3 milhão de profissionais da costura no Brasil são mulheres, muitas delas em contextos informais e sem garantias básicas (ONU MULHERES; INSTITUTO C&A, 2022).

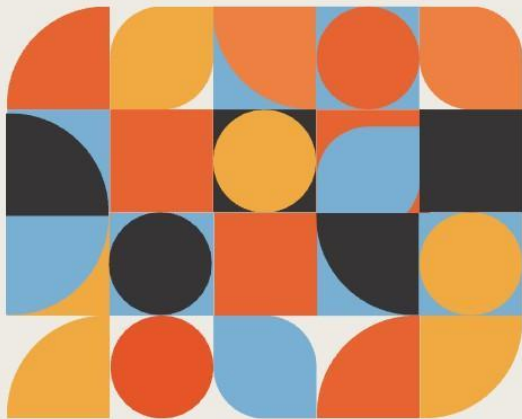
Diante disso, a emancipação feminina nesse setor não pode ser entendida apenas como inserção no mercado de trabalho, mas como acesso a condições justas, reconhecimento e oportunidades reais de ascensão. Como define Antunes (2018), setores como o da costura revelam formas modernas de servidão, marcadas por vínculos frágeis e ausência de direitos.

Assim, a valorização dessas mulheres vai além de uma pauta trabalhista: é uma questão de justiça social e de equidade de gênero. Reconhecer suas histórias, seus rostos e suas vozes são essenciais para transformar um setor que sempre dependeu delas — ainda que, por muito tempo, sem enxergá-las.

METODOLOGIA

Essa pesquisa adota uma abordagem qualitativa se aproximando do método etnográfico, por permitir a escuta atenta e a observação das experiências de mulheres inseridas na cadeia produtiva da moda no Agreste





20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

pernambucano. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com costureiras, modelistas, empresárias e vendedoras – nosso corpus de pesquisa –, que atuam nos municípios de Caruaru, Toritama e Santa Cruz do Capibaribe. As falas foram transcritas e analisadas com base na análise dos temas recorrentes (BRAUN; CLARKE, 2006), a partir de assuntos como trabalho, criatividade, emancipação e gênero.

Além das entrevistas, a pesquisa incluiu observação participante em feiras, ateliês e pontos de venda, com o uso de diário de campo para registrar aspectos visuais, sonoros e relacionais. A fundamentação teórica se apoia em autoras como Judith Butler (2019), Kate Fletcher (2014) e Sally Patten (2015), que discutem gênero, moda e resistência em contextos sociais diversos.

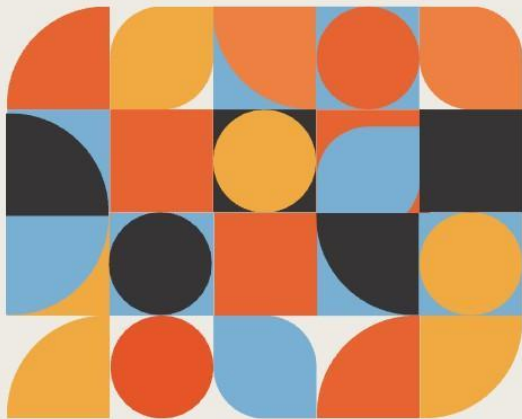
RESULTADOS INICIAIS E DISCUSSÃO

A atuação das mulheres no fazer da moda

As entrevistas realizadas revelam (meses de abril, maio e junho de 2025) a complexidade e riqueza desse fazer feminino. Maria (nome fictício), dona de um fabrico, exemplifica a multifuncionalidade da mulher empreendedora ao afirmar: *“Tudo, tudo, tudo. Desde o processo de criação até a execução”*. Sua trajetória, marcada pela autoconstrução e pela liderança de uma rede descentralizada de produção, revela o quanto o saber técnico e organizacional das mulheres sustenta o funcionamento do polo. Ao coordenar seis mulheres que trabalham de casa, ela promove um modelo de facção doméstica, comum na região, em que a produção convive com o cuidado dos lares e filhos — característica que ilustra o entrelaçamento entre os mundos produtivo e reprodutivo, frequentemente ignorado pelas estatísticas econômicas (HIRATA; KERGOAT, 2002).

Isabel (nome fictício), por sua vez, atua na confecção de moda festa, com ênfase em vestidos de noiva. Seu domínio sobre todas as etapas do processo — *“tiro a modelagem, corto, costuro, desenho”* — reforça a autonomia técnica e criativa que marca o fazer da moda entre as mulheres do Agreste. A entrevistada ainda evidencia a reinvenção como estratégia de sobrevivência, ao transformar uma crise profissional em oportunidade: *“A loja fechou [...] Ai eu disse que ia fazer uma locadora”*. A habilidade em adaptar-se às mudanças do mercado e em transformar o saber acumulado em novos negócios é um traço recorrente entre as mulheres entrevistadas.





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

A fala de Luana (nome fictício) aprofunda esse debate ao evidenciar a relação afetiva e simbólica com o trabalho da moda: *“Minha mãe sempre trabalhou nessa área [...] Se eu desistir, vai parar”*. Seu depoimento revela o peso da herança intergeracional, em que o fazer moda é também continuidade de uma história familiar. Além disso, sua atuação com técnicas avançadas como o bordado *Luneville* aponta para uma sofisticação profissional que desafia a ideia de que o trabalho no Agreste seria apenas repetitivo ou artesanal. Luana (nome fictício) reconhece que sua experiência sempre esteve cercada por outras mulheres, revelando que, em certos nichos da moda local, a liderança feminina é a norma, e não a exceção.

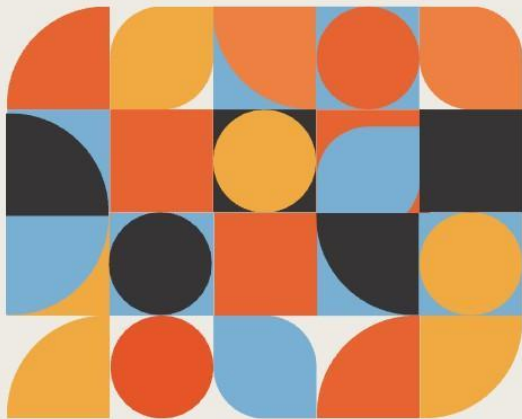
Esses relatos convergem para um entendimento da moda como campo de ação feminina, onde o trabalho é mais do que meio de subsistência: é também forma de expressão, criação e resistência. Como observa Fletcher (2014), a moda carrega sentidos que ultrapassam o vestuário, sendo mediadora de relações sociais, culturais e políticas. Ao performar seus papéis no interior dessa cadeia produtiva, as mulheres do Agreste constroem não apenas peças de roupa, mas formas de existir e resistir em um sistema marcado por desigualdades.

Mesmo enfrentando desafios como a dificuldade de acesso à matéria-prima (como relatado por Isabel (nome fictício)), a sobrecarga de trabalho e a invisibilidade institucional, essas mulheres seguem ocupando posições de destaque em oficinas, ateliês e pontos de venda. A liderança que exercem muitas vezes é horizontal e participativa, como expressa Isabel (nome fictício): *“Eu não sou aquela pessoa que diz: faça. Eu digo: vamos fazer”*. Essa lógica de gestão afetiva e colaborativa reafirma uma ética do cuidado e da coletividade, que é também prática política (PATTEN, 2015).

Dessa forma, o fazer da moda no Agreste não pode ser reduzido a uma lógica de produção técnica. Ele é constituído por saberes, histórias e experiências de mulheres que, com criatividade, sensibilidade e força de trabalho, moldam um dos mais importantes polos produtivos do Brasil. Compreender sua atuação é essencial para repensar os papéis de gênero na moda e reconhecer formas de liderança, criação e resistência que se dão fora dos grandes centros hegemônicos da confecção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS





20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

A partir da convivência e da escuta sensível de mulheres que atuam na moda no Agreste Pernambucano, este estudo buscou entender como elas constroem, com criatividade e força, discursos de resistência e transformação. As histórias de Maria, Isabel e Luana (nomes fictícios para proteger a identidade das entrevistadas) mostram que fazer moda por aqui vai muito além de ganhar a vida — é também afirmar identidades, transmitir saberes e lutar por espaço.

Seja costurando, criando ou gerindo, elas enfrentam barreiras e inventam caminhos. Lideram com coragem, driblam desigualdades e transformam desafios em potência. Para essas mulheres, a moda é mais do que trabalho: é expressão, luta e emancipação.

A pesquisa também evidencia que o protagonismo feminino na cadeia produtiva do Agreste é multifacetado: envolve domínio técnico, capacidade de inovação, sensibilidade estética e práticas de cuidado. Trata-se de um protagonismo que não se impõe por autoridade, mas se constrói na escuta, na colaboração e na partilha de saberes — uma liderança que, embora silenciosa e muitas vezes invisibilizada, sustenta a dinâmica econômica e criativa do polo de confecções.

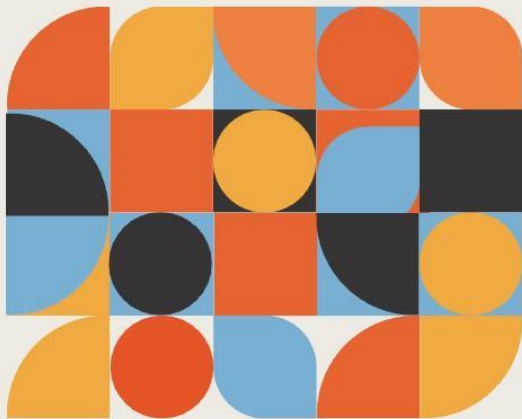
Ao mapear e valorizar essas experiências, esse estudo contribui para o reconhecimento da importância das mulheres como agentes criativas e políticas no campo da moda popular brasileira. Também revela a urgência de políticas públicas que valorizem essas trabalhadoras, garantindo acesso a recursos, visibilidade institucional e condições dignas de trabalho.

Por fim, mais do que registrar histórias de sucesso ou superação, esse artigo buscou documentar processos cotidianos de resistência e criação, protagonizados por mulheres que fazem da moda um meio de vida, expressão e transformação. São elas que costuram, lideram, criam e mantêm pulsando a força produtiva do Agreste — e é com elas que iremos construir um futuro mais justo, criativo e inclusivo para a moda brasileira.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital**. São Paulo: Boitempo, 2018.
- BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. **Using thematic analysis in psychology**. *Qualitative Research in Psychology*, v. 3, n. 2, p. 77–101, 2006





20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 20. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

Entrevista GEFOL transcritas. 2025. Documento interno do Grupo de Estudos em Formação do Olhar – GEFOL, Universidade Federal de Pernambuco.

FLETCHER, Kate. **Sustainable fashion and textiles: design journeys**. 2. ed. New York: Routledge, 2014.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. **Novas configurações da divisão sexual do trabalho**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 117, p. 637-652, nov. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/QPfjzHzTBqV8dZG9LgZt6Ny>. Acesso em: 05 jun. 2025.

MARQUES CASARA, Leonardo. **A invisibilidade que acompanha o glamour: a exploração das mulheres trabalhadoras pela indústria da moda nos grandes centros urbanos**. Revista Fórum Trabalhista, 2021. Disponível em: <https://revistaft.com.br/a-invisibilidade-que-acompanha-o-glamour-a-exploracao-das-mulheres-trabalhadoras-pela-industria-da-moda-nos-grandes-centros-urbanos>. Acesso em: 05 jun. 2025.

ONU MULHERES; INSTITUTO C&A. **Dia da Costureira: pelo não esquecimento de quem toca a indústria da moda**. 2022. Disponível em: <https://institutocea.org.br/en/dia-da-costureira-pelo-nao-esquecimento-de-quem-toca-a-industria-da-moda>. Acesso em: 05 jun. 2025.

PATTEN, Sally. **Fashioning resistance: the politics of alternative fashion**. London: Berg Publishers, 2015.

RANGEL, Felipe; CORTELETTI, Roseli de Fátima. **O polo de confecções do Agreste Pernambucano: origens e configurações atuais**. Estudos Sociológicos, Araraquara, v. 27, n. 00, e022013, jan./dez. 2022. DOI: <https://doi.org/10.52780/res.v27i00.13897>.

SILVA, Adelmo Teotônio da; OLIVEIRA, Adriana Maria de. **Atmosfera empreendedora feminina em Santa Cruz do Capibaribe: a indústria de confecções no Agreste de Pernambuco entre avanços e fragilidades**. In: Congresso Nacional de Excelência em Gestão, 2019. Disponível em: <https://convibra.org/publicacao/getPdf/23310/>. Acesso em: 4 jun. 2025.

